



### **Gênero, Tráfico de Drogas e Acontecimento Midiático<sup>1</sup>** **Gender, Illegal Drug Trafficking and News**

Lúcia Lamounier Sena<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** tecnologias de gênero; acontecimento midiático; crime; tráfico de drogas.

A proposta do artigo é apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa em que se busca estabelecer um cruzamento entre a perspectiva de tecnologias de gênero, proposição do campo teórico feminista, e o sistema mídia para a abordagem da temática relativa ao gênero e o tráfico de drogas. Essa discussão tem sido realizada no âmbito de uma pesquisa financiada pelo CNPQ e nas atividades do grupo de pesquisa registrado no CNPQ, Mídia e Memória, na linha de pesquisa Simbologias do Mal na Midiatização do Crime e da Violência.

Um dos pressupostos que embasam a pesquisa é de que as práticas jornalísticas, uma “tecnologia do imaginário” como nomeada por Juremir Machado (2009), permanecem sendo centrais na forma de operar uma construção dos espaços e identidades “gendradas”, ou seja, identidades marcadas por especificidades naturalizadas como diferenças hierárquicas de gênero (BUTLER, 2012; DI LAURETIS, 1987). Essas especificidades são definidas em fronteiras (argumentativas, espaciais e simbólicas) em que se concebe nos fatos constituidores da realidade tecnicamente operada pelos *midia*, uma constituição política dos sujeitos. Nesse sentido, parece

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

<sup>2</sup> Docente da PUCMinas e pesquisadora do grupo Mídia e Memória cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. llsena.bh65@gmail.com



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

apropriado o conceito de tecnologias de gênero como um conceito-chave para a discussão proposta.

A pesquisa aborda as práticas jornalísticas como inseridas em um sistema mídia na perspectiva de Maia (2009). Por sistema mídia entende-se uma articulação institucional com interesses próprios e que pressupõe autonomização das relações; dos recursos para a sua manutenção; funções específicas que atuam de modo relativamente independente e diferenciadas de outros sistemas; com regras, rotinas e específica divisão de trabalho; com relativa liberdade de movimento em relação às forças de outros sistemas.

No caso do tráfico de drogas, nas representações midiáticas cruzam-se uma prática ilegal específica; um suposto sujeito essencial (a mulher); e um sujeito “essencial desviante” (a mulher no crime/no tráfico). A diversidade desse cruzamento pode ser mapeada em elaborações e produtos midiáticos específicos cuja produção discursiva é constitutiva das supostas materialidades dessas essências, ou seja, da prática do tráfico de drogas e do gênero que lhe é supostamente adequado. As questões implicadas no agenciamento e suposições de um sujeito essencializado (a mulher no tráfico de drogas) são demarcadas pelos embates e limites hegemônicos presentes nas falas possíveis/audíveis/publicizáveis. Quem fala por essa mulher? De que modo ela é falada/ representada? Portanto, consideramos a potência dos discursos hegemônicos para a construção dos sentidos sobre os acontecimentos e seus respectivos agentes na produção das notícias.

No âmbito da pesquisa, tem-se buscado estabelecer as semelhanças nas lógicas das abordagens teóricas sobre crime e a diferença (na perspectiva da teoria criminológica) e no sistema mídia. Assim, tomamos os argumentos publicizados especificamente na mídia impressa (que constitui o corpus de pesquisa) não necessariamente como racionalidades engendradas pelo campo midiático, ou seja, não partimos do pressuposto que a abordagem jornalística atua como uma prática intencional, ou isolada dos demais campos sociais. Nosso pressuposto é de que no



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

recorte do mundo social, os acontecimentos publicizados são definidos por fronteiras argumentativas, espaciais e simbólicas que estão além do dispositivo midiático, no sentido de que guardam relações com as condições sociais, políticas e econômicas que precedem os mídia e o instauram na sua singularidade, na sua forma e sentido. (QUERÉ; 2012; FRANÇA, 2012).

Nessa perspectiva, o diálogo social que o acontecimento instaura não pode ser descolado da perícia própria dos aparatos sociotécnicos no sentido de “(...) rastrear, apresentar, evidenciar, representar, expor e, por meio de sua técnica, interpelar e assegurar-se de que se chega à verdade dos fatos” (MACHADO, 2009, p.14). Assim, a “verdade dos fatos” não é uma essencialidade à espera de ganhar aparência. O acontecimento tecnicamente produzido e emoldurado é uma forma de extrair atributos aos sujeitos e fatos, cuja essencialidade não lhes é inerente, mas realiza-se na própria técnica de publicizá-lo

Na tentativa de estabelecer essas conexões, a pesquisa tem buscado adotar alguns aspectos da perspectiva genealógica ou análise da proveniência segundo a abordagem, de Foucault (2000). Essa perspectiva adota como metodologia estabelecer um diálogo sobre as condições de possibilidades da emergência dos dispositivos sociais, dos discursos e das exterioridades que lhes são constitutivas. A pesquisa tem buscado indagar sobre as conexões constituidoras das redes histórico-produtivas, dos pressupostos, indagamos sobre as verdades historicamente impostas, não necessariamente através do uso violento do poder, mas antes constituídas como verdades impostas sobre “o outro” através de práticas discursivas constituidoras do mundo social do qual esse “outro” seria originário.

Na perspectiva genealógica as verdades tem como um dos *locus* centrais as verdades impostas sobre os corpos os quais são constituídos em complexas e diversas interseções de natureza político-social. As verdades sobre os corpos configuram-se em uma intrincada rede de disputas que permeiam o existir, o dizer e a mobilidade simbólica, política e social dos corpos.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

No que tange à tecnologia de gênero, o dispositivo midiático reforça a perspectiva metodológica da genealogia no sentido de que historicamente a essencialidade constitutiva do gênero permanece, para além do campo midiático, como uma referência para análise do fenômeno do gênero e da criminalidade. No caso das mulheres, a abordagem criminológica que historicamente foi tomada como referência nasce com Lombroso cuja teoria adota a perspectiva do “duplo monstro” moral: mulher e criminosa. Assim, quando envolvidas em atividades criminosas, elas são consideradas essencialmente loucas, apaixonadas, falsas ou, o mais recorrente tratadas como vítimas (SENA, 2012;2015; BELKNAP;HOLSINGER, 2006; DAILY, K.;CHESNEY-LIND, 1988). Estes são os argumentos simbólicos, políticos e institucionais que permanecem alimentando o debate social, as representações e a própria constituição social do sujeito “*gendrado*”. Novamente, o operador midiático não precede esses argumentos, mas tem se apresentado como uma eficiente tecnologia política de reafirmação das essencialidades políticas presentes nos demais campos sociais.

Para dar conta da discussão aqui apresentada, a pesquisa em andamento é de natureza documental, cujo corpus é constituído por jornais da imprensa carioca e mineira, abrangendo uma década (2006/2016), com recorte específico em notícias que abordam a temática do tráfico de drogas e o envolvimento de mulheres com essa tipificação criminal no Brasil.

Para apresentação da perspectiva metodológica e alguns resultados, o artigo será apresentado em duas partes. Na primeira parte, apresenta-se um apanhado bibliográfico sobre a abordagem de gênero e acontecimento midiático. Partindo do pressuposto da centralidade midiática na produção de conteúdo simbólico nos níveis individuais e coletivos (THOMPSON, 2012) a síntese dos estudos aponta para uma não associação entre o conceito de acontecimento midiático e o sentido universal clássico de gênero, ou seja, o “mundo feminino” diz respeito à esfera privada. Desta forma, as mulheres estão ausentes dos conteúdos jornalísticos cotidianos uma vez que eles pressupõem movimento, novidade, mudança (news), premissa que inclui a abordagem sobre o crime



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

como um conteúdo jornalístico por excelência. Através de um mapeamento bibliográfico sobre a ideia de imprensa feminina, esse conceito é historicamente trabalhado como um campo de regulamentação ontológica: o que inclui, o que se exclui como conteúdo feminino midiático.

Na segunda parte, apresentamos os primeiros resultados da análise do caso de uma “personalidade feminina” do tráfico de drogas carioca, Danúbia Rangel, que ocupou o destaque da imprensa carioca quando da sua prisão em 2011. Quando da prisão de Danúbia, a lei sobre drogas no Brasil, 11343/2006, que tipificou o crime do tráfico ilegal de drogas no Brasil como crime hediondo, estava em vigor havia 5 anos. Nesse ano, 514.582 pessoas estavam presas, sendo que 24,4% desse total respondiam pelo crime do tráfico de drogas e 49,7% das mulheres presas eram apenadas por esse crime.

Segundo Nancy Fraser (1987) o sujeito do feminino nas disputas por voz nos embates públicos. Essa questão traz à tona as desiguais posições das mulheres no acesso e no controle sobre os meios de interpretação e comunicação relativos aos significados sociais sobre os corpos, as concepções de feminilidade, as necessidades e desejos das mulheres. Na narração dos acontecimentos relativos ao tráfico de drogas, ilustrado com o caso Danúbia Rangel, as regularidades que absorvem o acontecimento da sua prisão são acionadas para os enquadramentos de mulheres “apaixonadas, vingativas, seduzidas, mães, mulheres fatais.

A abordagem midiática adota a perspectiva de uma suposta essencialidade feminina (frágil, enganada, apaixonada ou vingativa) em contraponto à agência, ou seja, a possibilidade de inserção em atividades criminais como escolha, como ação sobre o próprio destino. Os enquadramentos analisados pela pesquisa sugerem uma dinamização dos sentidos essenciais de gênero e crime, naturalizando-os, inclusive através do silenciamento dessas mulheres. Pode-se tomar como exemplo dessa questão os enquadramentos jornalísticos do caso Danúbia Rangel em que há uma clara desconsideração da sua performance criminal e atuação nas redes sociais como um



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

sujeito autônomo. Por um lado, há uma essência feminina tecnologicamente constituída nas notícias publicadas (mesmo quando esse conteúdo versa sobre a sua transgressão dessa essência). Por outro, o caso de Danúbia revela um enfrentamento discursivo ao reivindicar a sua própria exposição, auto-retrato e celebridade midiática (SIBILA, 2016; BRASIL, 2014; TORRES, 2011; BALDISSERA, 2008). Nesta seção, a análise foi baseada em notícias publicadas sobre o caso Danúbia nos jornais cariocas e nas redes sociais.

Na última parte fazemos algumas considerações sobre os resultados preliminares e os rumos da pesquisa a partir dos argumentos apresentados. As questões postas pela pesquisa em andamento centram-se nas indagações sobre os elementos que possibilitam que as categorias como gênero e tráfico adquiriram uma existência essencial. Decifrar a genealogia dessa suposta essência, aqui representada pelo exemplo de Danúbia Rangel, é uma tarefa de desvendar algumas das condições sócio-históricas de emergência de agentes politicamente representados nas suas especificidades: as supostas essências de uma prática criminosa, o tráfico de drogas, e aqueles que lhe são imputados como afeitos, os traficantes. No caso das mulheres, uma busca pelos valores que mobilizam sentidos e incorporam uma posição essencial: a “mulher no tráfico”.

### **Referências bibliográficas**

BALDISSERA, Rudimar. **Significação e comunicação na construção da imagem-conceito**. In: *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. X Nº3: set/dez 2008. São Leopoldo, RS: Fronteiras, 2008. Págs: 193-200.

BELKNAP, Joanne; HOLSINGER, Kristi. The gendered nature of risk factor for delinquency. **Feminist Criminology**, v. 1, n. 1, 2006, p. 48-71. Disponível em: <http://online.sagepub.com>. Acesso em: 28 dez. 2014.

BRASIL, A.. A Performance: entre o vivido e o imaginado. IN: PICADO, B. MENDONÇA, C. CARDOSO FILHO, J.(ORG). **Experiência, Estética e Performance**. Salvador, Edufba, 2014. pp. 131-135.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

BRAZ, Ítalo I.A.; PAIVA, Beatriz Lima; SOUZA, Élmano R.A.; NOBRE, Itamar Morais; **O fenômeno do autorretrato no Facebook: Uma análise interdisciplinar.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa, PB. 15 a 17/05/2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 236 p.

CHESNEY-LIND, M. Women and crime: the female offender. **Journal of Women in Culture and Society.** v. 12, n. 11, 1986. Download by JUSTOR, 23 Nov. 2013, p. 78-96.

DAILY, K.; CHESNEY-LIND, M. Feminism and criminology. **Justice Quartely, Academy of Criminal Justice Sciences,** v. 5, n.4, p. 497-538, 1988. Disponível em HeinOnline. Acesso em 18 de Fev. 2014.

FRANÇA, V.. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. IN: FRANÇA, V. OLIVEIRA, L. (Orgs). **Acontecimento: reverberações.** Belo Horizonte, Autêntica, 2012. Pp.39-51.

FRASER, N. O Que é crítico na Teoria Crítica? O Argumento de Habermas e o Gênero. In: CORNEEL, Drucilla; BENHABIB, Sylva (Coord.). **Feminismo como Crítica da Modernidade.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987. pp.38-65.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero.** Indiana University Press, 1987. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-Genero-Teresa-de-Lauretis>. Acesso em: Set. 2013.

MAIA, R. **Deliberação e Mídia.** Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2009.

QUERÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. IN: FRANÇA, V. OLIVEIRA, L. (Orgs). **Acontecimento: reverberações.** Belo Horizonte, Autêntica, 2012. Pp.21-38.

SENA, L. L. **O crack como fenômeno midiático: demônios e silêncios.** Revista Dispositiva, no. 2, 2012, pp.122-146.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

SENA, L. L. *I Love my White: mulheres no registro do tráfico ilegal de drogas*. Tese (Doutorado) 2015, 187p. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

SIBILA, Paula. *O show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016.

TORRES, Eduardo Cintra, ZUQUETE, José Pedro. *A vida como um filme: fama e celebridade no Sec. XXI*. Grupo Porto Editora, 2011.

TURNER, G. *Understanding Celebrity*. London: Sage, 2004.